

## O pedagogo como curador de experiências sensíveis: imagens, narrativas e formação na cultura digital

Valtemir dos Santos Rodrigues  
Universidade de Brasília – UnB  
[valtemir.rodrigues@gmail.com](mailto:valtemir.rodrigues@gmail.com)

Andrea Cristina Versuti  
Universidade de Brasília – UnB  
[andrea.versuti@gmail.com](mailto:andrea.versuti@gmail.com)

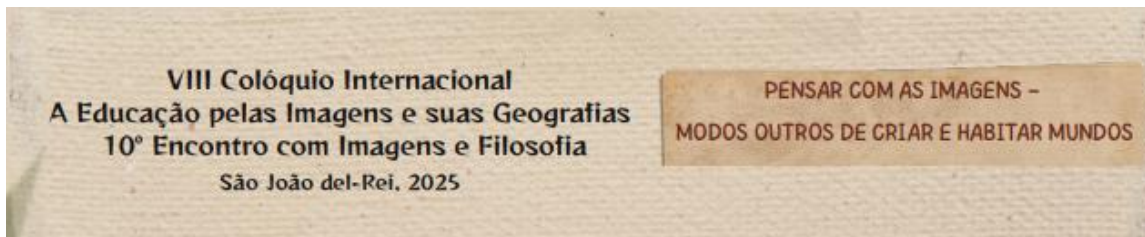
**RESUMO:** Em um contexto marcado pela ubiquidade das imagens, das narrativas digitais e pela intensificação das experiências juvenis nos ambientes online, repensar a formação docente torna-se urgente. Este artigo propõe uma reflexão teórica sobre o papel do pedagogo como curador de experiências sensíveis, considerando as potências formativas que emergem da articulação entre imagem, narrativa e subjetividade na cultura digital. O objetivo é discutir como a curadoria pedagógica — entendida como prática de escuta, mediação e organização de sentidos — pode favorecer uma educação estética e afetiva, sintonizada com os modos contemporâneos de aprender e se expressar. A reflexão fundamenta-se em aportes teóricos da cartografia afetiva como abordagem conceitual e dos estudos sobre cultura digital e letramentos visuais. São colocadas como possibilidades as experiências formativas como a produção de portfólios digitais, oficinas de cartografia subjetiva e criação de vídeos autorais, que exemplificam possibilidades pedagógicas de acolher e valorizar as expressões juvenis. As reflexões apontam para a necessidade de reconhecer as imagens e narrativas digitais como linguagens legítimas que ampliam a compreensão sobre os processos de subjetivação e produção de conhecimento. Conclui-se que a formação docente precisa incorporar dispositivos que articulem sensibilidade, escuta e cultura digital, permitindo que o pedagogo atue como curador de experiências, e não apenas como transmissor de conteúdos.

**Palavras-chave:** curadoria pedagógica; cartografia afetiva; cultura digital; narrativas juvenis; letramento visual.

### Introdução

Na contexto atual as imagens tem pautado, cada vez mais, nossos comportamentos principalmente pelo uso intenso das redes digitais. Marcada por essa ubiquidade visual, a Pedagogia tem sido convidada a revisar as suas abordagens teóricas e práticas diante dos processos de formação dos tempos atuais. Nesse cenário, os educadores têm um espaço super importante para mediar experiências com imagens, que, de várias maneiras, ajudam na construção de sentidos. Dessa maneira, propomos uma reflexão acerca do papel do pedagogo como curador de experiências sensíveis considerando a potência formativa das imagens e suas narrativas gerados com e a partir do digital.

Partimos do pressuposto de que as experiências são essenciais para dar sentido aos aprendizados. Segundo Larrosa (2019), a experiência não é só algo que acontece de repente, mas algo que nos transforma e nos afeta de uma forma profunda, deixando marcas que carregamos e que, de certa forma, nos mudamos. Partindo dessa ideia, entendemos que



a circulação de sentidos e a mediação cultural na era digital tornam essas experiências ainda mais relevantes e potentes, principalmente na perspectiva pedagógica. Como apontam Recuero e Zago (2022), as imagens, narrativas e enredos aparecem como verdadeiras arenas de disputas simbólicas, moldando a educação e a percepção das pessoas, mesmo fora do espaço escolar. Por isso, é fundamental que o professor tenha, pelo menos, algumas competências estéticas e letramentos visuais para lidar com essa realidade.

Nesse contexto, acreditamos ser fundamental que o educador desenvolva uma capacidade não apenas técnica, mas também sensível, que o permita ouvir, organizar, dar visibilidade e promover encontros significativos entre as imagens, as narrativas e as experiências de vida dos estudantes. Vemos na curadoria pedagógica um caminho viável, pois pensa a docência como um processo de montagem, seleção e reinvenção de sentidos, em um cenário onde as imagens e as narrativas digitais desempenham um papel central na formação dos estudantes. As experiências em plataformas digitais, como Wattpad, TikTok e Instagram, por exemplo, podem ser exploradas pedagogicamente, pois lá os jovens criam e reúnem fanfics, videopoemas, remixes e relatos pessoais.

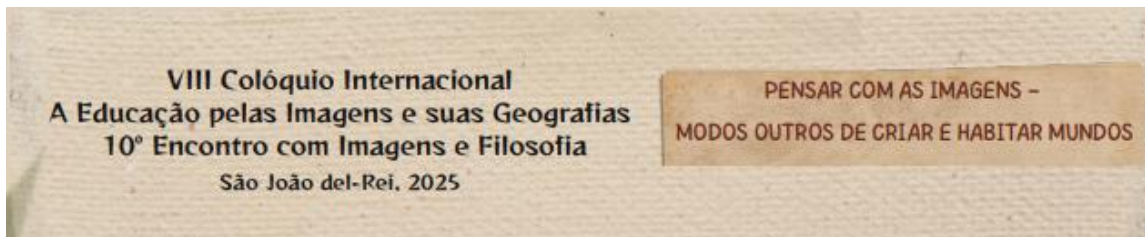
Acreditamos, antes de tudo, que é preciso repensar - ou melhor, ressignificar - o papel do professor na formação dos estudantes na cultura digital. E não é só porque o mundo mudou, mas sim porque mudou o jeito de ver, de sentir, de aprender. Os educadores, assim como os alunos, estão mergulhados nesse mar de imagens, sons, narrativas, ou seja, tudo isso que chamamos de cultura digital. Por isso, interpretar, compreender e também dialogar com o que circula aí virou necessidade, não opção.

A cartografia, sob essa perspectiva, aparece como possibilidade. Um caminho potente, flexível, por onde é possível ir acompanhando as experiências que se movem, que não param. Ela ajuda o professor a mapear sentidos, rastrear afetos, costurar territórios — às vezes frágeis, às vezes pulsantes — onde o digital se mistura com a vida e com a escola. Nesse sentido, não é sobre controlar, mas sim acompanhar, escutar o que emerge, acolher o que transborda, e transformar isso em oportunidade de aprendizagem.

### **Curadoria pedagógica: possibilidades de ação**

A prática da curadoria pedagógica vem ganhando força, cada vez mais, num cenário educacional já tomado por imagens, narrativas, sons, fluxos. Essa curadoria não se resume a selecionar conteúdos, mas envolve escutar, acompanhar e dar forma a sentidos. Nesse contexto, o professor é chamado a ocupar um lugar de mediação: entre culturas, entre vozes, entre afetos que se cruzam dentro e fora da escola. E pra isso precisa cultivar um olhar atento, sensível, que reconheça e interprete as formas expressivas que emergem dos territórios juvenis na cultura digital, que são muitos, e são móveis.

Esta prática exige uma escuta atenta às vozes, aos sentidos e às emoções que emergem nos territórios culturais dos jovens, promovendo uma mediação que valoriza a diversidade de expressões e experiências. Essa atividade, portanto, torna-se um ato pedagógico de escuta, interpretação



e construção de sentidos, que contribui para uma educação mais sensível, crítica e estética (Silva e Ressel, 2021, p. 110).

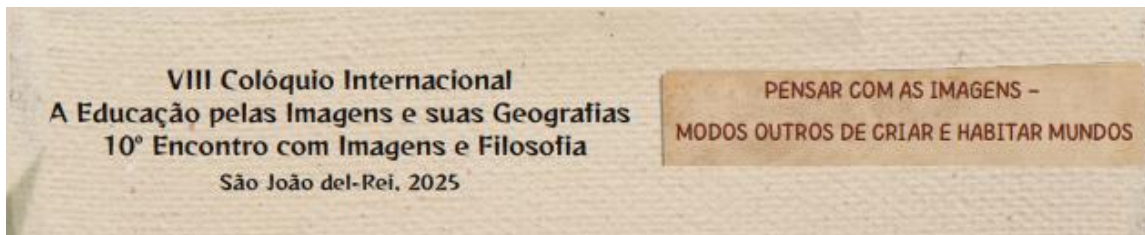
As plataformas digitais, como o Instagram, configuram ecossistemas de narrativas visuais e afetivas, nas quais jovens experimentam novas formas de leitura, escrita, contação de histórias e compartilhamento do mundo. Essas experiências, muitas vezes desconsideradas no currículo formal, representam oportunidades de formação e podem ser interpretadas de forma crítica no ambiente pedagógico. Segundo Costa e Almeida (2022), o envolvimento dos jovens com plataformas digitais reflete um processo de letramento multimodal, onde as habilidades de interpretação e produção narrativas visuais e audiovisuais se tornam essenciais para uma leitura mais crítica do mundo digital.

Diante disso, a cartografia, enquanto método de pesquisa e intervenção, oferece ao pedagogo uma ferramenta para acompanhar os movimentos dos estudantes em seus territórios afetivos, simbólicos e culturais. Em vez invés de simplesmente mapear trajetórias fixas, a proposta da cartografia educativa é ir seguindo pistas, rastros, e as emergências das experiências que eles vivem nos contextos escolares e digitais. Como aponta Fischmann (2018), isso tudo é um “modo de conhecer sensível”, que pede atenção ao que pulsa no cotidiano, permitindo que o pedagogo identifique os poderes formativos escondidos nas expressões dos estudantes, e valorize a multiplicidade de formas de estar no mundo que eles carregam consigo.

A cartografia, enquanto método de pesquisa e intervenção, não se restringe a uma mera representação da realidade, mas se coloca como um modo de conhecer sensível, que exige do pesquisador/pedagogo uma atenção ao que pulsa no cotidiano, aos movimentos e às singularidades dos territórios existenciais. Trata-se de um modo de estar na pesquisa que não busca capturar ou controlar, mas sim seguir as pistas e os rastros que emergem das experiências, acompanhando os processos de subjetivação e as potências formativas que se manifestam nas expressões dos sujeitos. (Fischmann, 2018, p. 115).

Na visão da cartografia, a curadoria pedagógica se articula com a ideia de criar dispositivos que favoreçam a escuta, a visibilidade, e o compartilhamento dos territórios existenciais dos estudantes. Então, assim, o pedagogo atua como um mediador, conectando signos sensíveis que estão nas vivências dos sujeitos, valorizando, enfim, suas expressões narrativas, visuais e afetivas. Quando ele cartografa imagens, afetos e narrativas produzidas por estudantes, o pedagogo amplia sua compreensão acerca dos processos de subjetivação na cultura digital. As produções juvenis, como fanfics, colagens visuais e vídeos, funcionam como pistas de sentidos, podendo ser mobilizadas na mediação pedagógica.

As colagens, físicas ou digitais, têm se mostrado ferramentas potentes para esse trabalho docente com jovens. Ao combinarem imagens, palavras e fragmentos afetivos, os estudantes elaboram pranchas temáticas que dizem muito sobre seus mundos — o que sentem, o que vivem, como enxergam a realidade. As colagens são processos artísticos que



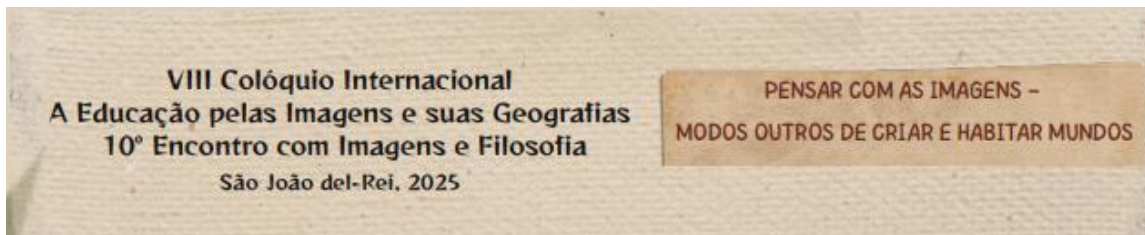
envolvem a combinação de diferentes materiais e imagens, sobrepondo-os para criar novas narrativas ou sentidos. Segundo Soares (2023), esse tipo de prática abre espaço para leituras mais críticas da cultura visual e amplia a escuta pedagógica sendo mais do que arranjos estéticos tornando-se narrativas visuais atravessadas por afetos e memórias. Assim, vão promovendo formas de autorrepresentação, e isso, no contexto da cultura digital, tem um valor formativo que não pode ser ignorado.

Para essa mediação estética e pedagógica o filme-carta é outro caminho. Trata-se de um gênero cinematográfico onde a narrativa se assemelha a uma carta, transmitindo mensagens e sentimentos de forma íntima e pessoal combinando imagens, sons e palavras para criar narrativas afetivas e autorais. Inspirado na estrutura da carta, esse formato favorece o trabalho com experiências sensíveis, pois convida os estudantes a organizarem suas vivências em linguagem visual. O filme-carta permite romper com modelos narrativos lineares, ativando a escuta e a criação de sentidos e, ao produzir filmes-cartas, o educador faz uma mediação valorizando as imagens como possibilidade de expressão, pensamento e aprendizagem na cultura digital.

A carta propõe uma escuta. Ela se dirige a alguém. Se alguém escreve uma carta, quer que outro alguém escute. A carta-filme, o filme-carta, propõe uma relação de alteridade, abre a escuta, propõe uma pedagogia em que se aprende a escutar, não apenas a falar. A carta também propõe uma construção de pensamento que não é causal, que não é explicativa, mas poética e política. A carta permite um pensamento com as imagens, com os sons. A carta não precisa de câmera boa, de roteiro, de ator. A carta precisa de alguém que quer escrever, alguém que quer dizer algo a alguém” (Migliorin, 2014, p. 8).

A construção de portfólios digitais também abre caminhos possíveis para o pedagogo acompanhar e valorizar trajetórias formativas além do desempenho acadêmico mais tradicional. Ao reunir narrativas visuais, produções autorais, registros afetivos e experiências, tanto escolares quanto extraescolares, o portfólio se apresenta como um verdadeiro artista pedagógico, com um potencial enorme. Nesse cenário, o pedagogo atua como um mediador entre produção e reflexão, promovendo vínculos entre expressão estética, subjetividade e uma aprendizagem que seja realmente significativa no dia a dia escolar.

Nesse mesmo horizonte, as oficinas de cartografia afetiva oferecem ao pedagogo a oportunidade de criar espaços coletivos de produção de sentido. Nesses lugares, os estudantes podem expressar visualmente tudo o que eles vivem, o que sentem e os espaços que marcam a vida deles. É um jeito de mobilizar mapas subjetivos, fazer colagens, usar imagens e até linhas do tempo, tudo isso como um jeito próprio e pessoal de ler o mundo. Então, o pedagogo vai atuando como um facilitador desses processos, conectando imagem, sensibilidade e, principalmente, uma escuta atenta, ressignificando o ato educativo em uma prática de composição e acolhimento.



A criação de vídeos autorais, como microdocumentários, videopoemas ou autorretratos digitais, é uma estratégia interessante de curadoria sensível das narrativas juvenis. Ao incentivar essas produções, o educador valoriza as formas de expressão dos estudantes e ressignifica a imagem. Como Santaella (2020) nos lembra, na cultura digital a imagem não está lá só para ilustrar; é por meio dela que "ocorrem pensamentos, afetos e ações". Essa produção autoral de vídeos fortalece identidades, permitindo que os jovens se vejam como autores de suas próprias histórias. E nesse processo, a escuta pedagógica, atenta, se manifesta na atenção às imagens e na mediação dos sentidos que elas carregam, compondo uma pedagogia que é estética e, principalmente, afetiva.

Essas experiências reforçam a necessidade de reconfigurar os currículos de formação de professores, incorporando práticas que articulam estética, escuta e cultura digital. A curadoria sensível, fundamentada na cartografia e na mediação crítica, aponta para uma pedagogia que reconhece as expressões juvenis como formas legítimas de produção de conhecimento e subjetividade. Assim, ao formar pedagogos-curadores, as instituições de ensino contribuem para uma educação mais conectada às experiências, aos afetos e às práticas humanas na cultura digital.

### **Considerações**

A prática de curadoria pedagógica surge como uma metáfora realmente potente para entendermos a docência como um processo de montagem, seleção e reinvenção de sentidos. O que se propõe aqui é que a curadoria educativa permita organizar o conhecimento como uma experiência que é sensível, uma experiência aberta a múltiplas leituras e conexões, o que é essencial. Nesse sentido, o educador que atua como curador escuta, organiza e dá visibilidade, ele promove encontros importantes entre imagens e experiências de vida dos estudantes. Essa abordagem, em suma, busca ir muito além da docência tradicional, aquela que conhecemos.

Frente aos desafios de uma sociedade que é midiaticizada e que é altamente visual, se torna fundamental repensar o papel do pedagogo na formação docente. O objetivo desta reflexão foi justamente ressaltar como essa nova abordagem, mais sensível, exige que o educador esteja preparado para narrar, para interpretar e para escutar o mundo por meio das imagens, ressignificando o papel da pedagogia na cultura digital. É uma mudança de postura, um caminho necessário para que a educação vá acompanhando, de fato, os movimentos e os afetos de uma nova geração.

As contribuições desta análise, portanto, apontam para a necessidade de valorizar a imagem como uma linguagem de pensamento, não apenas como um recurso ilustrativo. Dessa forma, a pedagogia, ao se abrir para a curadoria, se consolida como uma prática de cunho estético e afetivo, capaz de ensinar e transformar o mundo, promovendo uma compreensão profunda das vivências humanas na cultura digital. É, no fundo, uma pedagogia que acolhe e que dá sentido às experiências.



## Referências

- DUARTE, Newton. A formação da sensibilidade: arte e educação na era digital. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/rtg9JxCw5NnP8YskwKHvs9M>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- FISCHMANN, Gustavo. Cartografia afetiva e educação: mapas de sentidos no cotidiano escolar. *Revista Educação & Realidade*, v. 2, pág. 103-124, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-026X2018000200002>. Acesso em: 1 Ago. 2025.
- LARROSA, Jorge. *Esperienza y alteridad en educación*. Barcelona: Editorial Octaedro, 2019.
- MIGLIORIN, Cezar. O ensino de cinema e a experiência do filme-carta. *E-Compós*, Brasília, v. 17, n. 2, p. 1–14, 2014. Disponível em: <https://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/1045>. Acesso em: 7 ago. 2025.
- MOURA, Ana Carolina. *Educação estética na era das telas: desafios para a formação docente*. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 103–122, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/53180>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- RANCIÈRE, Jacques. *A estética como política*. São Paulo: Editora 34, 2021.
- RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. *Práticas de circulação na cultura digital: redes, memes e sentidos*. Porto Alegre: Sulina, 2022.
- SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2020.
- SILVA, Cristiane Samaria; HESSEL, Ana Maria. A docência como curadoria: experiências pedagógicas no uso de tecnologias educacionais. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 107–126, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13607>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e mediações culturais: reflexões sobre práticas de letramento midiático. In: SILVA, C. R.; MOURA, C. L. de (Orgs.). *Educomunicação e formação docente: saberes e práticas em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 25–42.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

SOARES, Livia Simara Vieira. *Transmediando afe(c)tos: uma experiência com a produção de colagens digitais*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

Disponível em:

[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/39499/1/2023\\_LiviaSimaraVieiraSoares\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/39499/1/2023_LiviaSimaraVieiraSoares_tcc.pdf).

Acesso em: 7 ago. 2025.